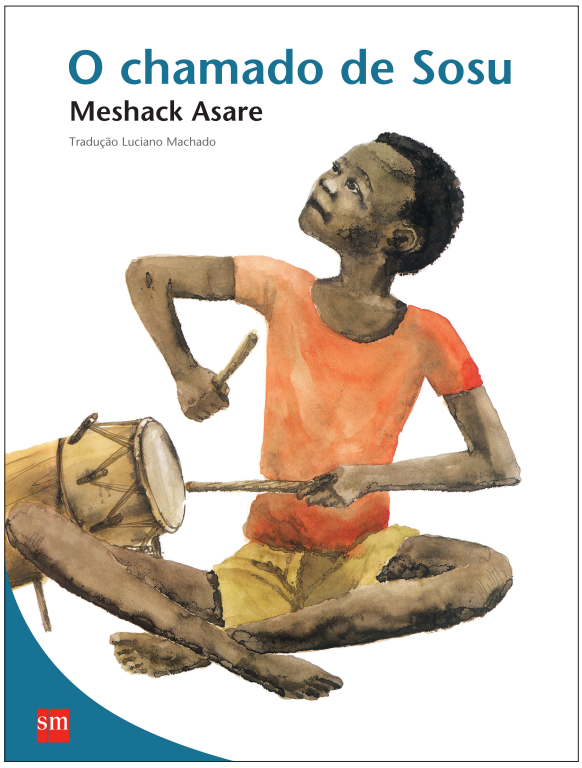
O chamado de Sosu

Meshack Asare

Ilustrações do autor
Tradução Luciano Machado

GUIA DE LEITURA
PARA O PROFESSOR



48 páginas

O LIVRO

Tema

O chamado de Sosu foi premiado por sua mensagem de aceitação das diferenças. Em 1999, o livro recebeu o primeiro lugar na premiação da UNESCO para livros de literatura infantil que abordam a tolerância. E ficou entre os doze mais representativos livros africanos do século XX.

O livro demonstra que qualquer um, em qualquer parte do mundo, pode contribuir para o dia-a-dia da comunidade. O autor nos mostra que a exclusão não faz sentido, pois há sempre lugar para todos na sociedade.

2008996274965

ÁFRICA OCIDENTAL

Um pouco de história e geografia

O chamado de Sosu se passa no oeste da África, ou África ocidental, mais precisamente entre Gana e o Togo, numa região cujas aldeias ficam próximas às lagunas e ao mar e em que há muitos coqueiros.

A economia se baseia na pesca e, em menor medida, na agricultura. Milho, mandioca e inhame são cultivados para consumo próprio e para alimentação dos animais (sobretudo das galinhas). Às vezes, os habitantes dessa região plantam cacau e cebola e produzem azeite-de-dendê para vender.

Devido à presença de muitas minas de ouro, Gana era chamada de Costa do Ouro pelos europeus. Quando os primeiros exploradores viajaram da Europa para a região, perceberam que membros da sociedade achanti utilizavam muito ouro nos adornos, nos instrumentos musicais e em outros objetos, o que os fez compreender que se tratava de uma área de grande interesse econômico.

No litoral ganense, há diversos fortes e castelos, que foram construídos pelos europeus a partir do século XV e testemunham o interesse deles na riqueza local e no tráfico de escravos. Durante cerca de 250 anos, até o início do século XIX, milhares de africanos escravizados foram enviados de Gana para diversas regiões do mundo.

O país foi dominado pela Inglaterra durante 84 anos. Por isso, a língua oficial é atualmente o inglês, embora haja pelo menos 75 outros idiomas e dialetos em uso.

RESUMO

O livro narra a história de Sosu, um menino que mora numa aldeia no oeste da África e que tem uma deficiência na perna. Por causa da limitação física, ele é segregado de seu meio. Os pais não o mandam à escola, e os pescadores não permitem que o pai de Sosu o leve consigo na canoa. Acreditam que a simples presença dele na aldeia traz azar à pescaria, já que o espírito da lagoa não ficaria feliz em vê-lo. São os irmãos de Sosu, Fafa e Bubu, que o ensinam a ler e escrever, contando-lhe tudo o que aprenderam na escola.

Numa das poucas ocasiões em que Sosu se aventura a sair de casa, uma menina, assustada, grita desesperadamente quando o vê, associando-o a um espírito rastejante. Isso o entristece bastante. Só resta a Sosu brincar com o cachorro Fusa e conversar com os irmãos.

Certo dia, porém, quando a maioria dos habitantes está fora da aldeia (na pescaria, na escola ou nas plantações), o mar e o vento se agitam e ameaçam a segurança do local. Apenas os doentes, os idosos, as crianças pequenas demais para ir à escola e os animais permanecem ali, e eles não podem fazer nada.

Sosu, então, tem a idéia de tocar um dos tam-tans para chamar a atenção dos que se encontram fora da aldeia. Ele junta forças para ir até a plataforma onde ficam os instrumentos e, usando duas baquetas e com o incentivo do cachorro, toca o tam-tam pela primeira vez na vida.

Quando ouvem o som do tambor, todos se precipitam para a aldeia e salvam aqueles que estavam ameaçados pela tempestade.

Para comemorar o acontecimento, a aldeia promove uma grande festa. Sosu ganha uma cadeira de rodas e passa a freqüentar a escola como qualquer outra criança.

Em 1957, graças à atuação de um líder chamado Kwame Nkrumah, Gana tornou-se o primeiro país africano ao sul do deserto do Saara a obter a independência. A história de *O chamado de Sosu* se passa após a independência, num tempo em que os ganenses governam sua aldeia conforme o modelo africano característico da região.

Hábitos e costumes

As ilustrações revelam trajes e costumes próprios da região. Observa-se que a mãe de Sosu usa um pano na cabeça, do mesmo tecido do vestido (p. 7). Esse é um

traje típico de várias partes da África ocidental. E, embora no dia-a-dia os homens usem calções para pescar, eles vestem um traje especial, mais elaborado, em ocasiões comemorativas — como na festa em homenagem a Sosu (p. 38 e 39). Nessa região, é costume deixar um dos ombros descoberto. Também observa-se a presença de guarda-chuvas, que simbolizam o poder e indicam, nesse caso, uma ocasião especial (p. 39).

O livro mostra que as crianças comem juntas, com as mãos, sem utilizar talheres ou outros objetos (p. 16 e 17). A cena ilustra exatamente o que se passa em boa parte da África ocidental. Para muitas crianças e adultos da região, não há por que utilizar talher nem comer em pratos separados. A refeição é um momento de reunião e compartilhamento.

Cultura

O tambor tam-tam e outros instrumentos de percussão (como o balafom e o darbuka) são fundamentais na África. Tocá-los é uma arte que se aprende desde pequeno e durante muitos anos. A técnica é passada de pai para filho, geração após geração.

Boa parte da África conta com os instrumentos de percussão tanto no dia-a-dia como em ocasiões especiais. Em diversos países africanos, instrumentos de percussão são utilizados para enviar mensagens, convocar pessoas para trabalho e reunião, anunciar e celebrar nascimentos, casamentos, funerais e competições e marcar ritos de fertilidade, plantio, colheita e iniciação. Muitas vezes, esses instrumentos são abençoados numa cerimônia com sorgo, leite e outros alimentos. Para algumas sociedades, a percussão é um ser vivo. Em partes de Uganda e do Zaire, por exemplo, é costume colocar dentro do tambor um pedaço de madeira da árvore da qual ele foi feito, que é considerado a "alma" do instrumento.

O canto e a dança também são formas de manifestação espiritual em muitas partes da África, maneiras pelas quais Deus pode ser louvado.

Em Gana e no Togo, vive a sociedade Ewé, povo conhecido, entre outras coisas, por utilizar os instrumentos de percussão para comunicar-se, especialmente em situações de crise (como no caso da história de Sosu), mas não apenas para isso. Durante danças e celebrações especiais, seu uso é freqüente (os tam-tans ficam num local especial, e é o chefe quem, normalmente, permite o acesso a eles). As danças dos Ewé são famosas pelos movimentos complexos e rápidos, sobretudo dos ombros e dos pés.

NARRATIVA

O chamado de Sosu fala basicamente do cotidiano de uma aldeia do oeste da África, embora narre acontecimentos que fogem ao corriqueiro — a ameaça à aldeia e sua salvação, protagonizada por Sosu, que permite que a localidade lide com essa situação difícil.

O texto é narrado em terceira pessoa, e o protagonista é Sosu, uma personagem forte, marcada pelo isolamento. A história, contemporânea, desenrola-se num ambiente em que a vida comunitária é extremamente valorizada. O autor, justamente para expressar a universalidade de sua mensagem de tolerância, optou por não identificar com exatidão o lugar onde acontece a história. Pelas características geográficas, pelos costumes descritos e pelas ilustrações mostradas, é possível identificar a África ocidental, numa região que engloba parte de Gana, terra natal do escritor Meshack Asare.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Recomenda-se contextualizar geograficamente a narrativa: explicar em que tipo de aldeia africana se passa a história. A biografia do autor ajuda essa contextualização: o ganense Meshack Asare estudou artes plásticas, psicologia da educação e antropologia social e atualmente mora em Londres.

Para falar do aspecto geográfico e histórico, pode-se mostrar aos alunos um mapa com a localização de países como Benim, Costa do Marfim, Gana e Togo, que ficam todos no litoral oeste da África. É importante explicar que há certa unidade histórica e cultural naquela região, que aproxima esses países.

A região onde se passa a história de Sosu é marcada pela presença de coqueiros (como se observa nas ilustrações, que merecem comentário especial devido à excelência do trabalho de Asare), característica que a torna semelhante a algumas partes do Brasil. Pode-se explicar que, do coqueiro, tudo se aproveita. O tronco e as fibras são utilizados na construção de casas e na confecção de cordas e chapéus, entre outros objetos. As raízes servem para fazer remédios.

Gana tem como principais produtos agrícolas o café e o cacau, e esse cultivo marca mais uma semelhança com o Brasil. O cacau é originário da América do Sul. Os historiadores afirmam que, no final do século XIX, Tatteh Quarshie, um ganense que trabalhava no continente americano, levou o cacau para seu país e o plantou em casa, a cerca de cinqüenta quilômetros da capital, Acra. Na segunda década do século XX, o cacau, o ouro e a madeira fizeram da então Costa do Ouro (depois denominada Gana) uma das colônias mais prósperas da África.

Sugere-se perguntar aos alunos o que mais sabem sobre Gana e a África ocidental. É interessante informar que um ganense, Kofi Annan, é conhecido e respeitado em toda a comunidade internacional. Ele é secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), entidade criada após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) para promover o diálogo entre os países e melhorar as condições de vida em áreas com problemas.

Outro ponto que merece destaque é a capa do livro. Os estudantes podem não conhecer o nome exato do instrumento musical que aparece ali (o tam-tam), mas provavelmente têm familiaridade com instrumentos semelhantes. No carnaval e em outras festividades brasileiras, é comum o uso de tambores de vários tipos, além de pandeiros e demais instrumentos de percussão. Vimos que o uso do tam-tam é uma forma de linguagem na África, e a história de Sosu demonstra bem isso. Assim como o telefone e o rádio, os instrumentos musicais podem ser uti-

lizados para a comunicação. Em muitos casos, servem para as pessoas se comunicarem não só entre si, mas também com os deuses; podem evocar entidades espirituais com fins curativos e, freqüentemente, corporificam a voz de divindades ou de ancestrais, como ocorre entre os dogons (povo de Mali, outro país da África ocidental): o som vibrante de um instrumento musical pode representar a voz dos ancestrais. Em cerimônias religiosas, sua utilização é comum, com o intuito de chamar os espíritos.

APÓS A LEITURA

a. Pode ser proposto um debate durante o qual os alunos exponham situações de discriminação semelhantes àquela enfrentada por Sosu. A idéia é discutir por que, na opinião deles, essas situações acontecem. Será para "poupar" a criança, protegendo-a excessivamente às vezes e impedindo-a de participar plenamente das atividades em geral? Ou simplesmente por que as pessoas ficam acanhadas e não conseguem se aproximar dos portadores de deficiências? Com freqüência, a discriminação aparece como resultado do medo do diferente. Quando Sosu se questiona de que vale um menino sem pernas firmes, o que devemos responder? A história nos revela que ele tem tanto valor quanto qualquer outra criança.

b. De que modo a escola e outros espaços que os alunos freqüentam, como parques e shoppings, estão preparados para receber pessoas com limitações físicas? Eles já repararam se há rampas ou outras formas de acesso especial para quem usa cadeira de rodas? É importante mencionar que existe um crescente movimento de integração de indivíduos com limitações motoras, auditivas, visuais etc. No Brasil, há uma lei que determina a contratação dessas pessoas em hospitais, clubes e empresas, para que elas possam exercer papel ativo na sociedade.

c. Conversar sobre a imagem que os alunos têm das aldeias africanas. Explicar que a maioria delas está ligada a outros lugares pelos meios de comunicação: nos países da África, telefones e aparelhos de fax são muito comuns, por exemplo, e parte do noticiário é dedicada justamente aos acontecimentos das aldeias. Comparar a aldeia descrita no livro a uma cidade brasileira. O que elas têm e não têm em comum? Os adultos trabalham, as crianças vão à escola, brincam e possuem animais de estimação. Mas, na aldeia de Sosu, não há carros nem poluição, ao contrário do que acontece nas grandes cidades do Brasil (e mesmo de Gana). É um bom momento para abordar a questão da qualidade de vida: será que a vida na aldeia, sem os grandes avanços tecnológicos recentes, é necessariamente ruim?

d. Pode-se propor aos alunos que digam o que entendem da religiosidade dos habitantes da aldeia de Sosu. Eles repararam que o autor fala em espírito? Explicar que, na África, estão presentes religiões monoteístas como o cristianismo e o islamismo, mas também crenças politeístas. Existem outras formas de reverenciar o sagrado que não necessariamente aquelas dos cultos presentes no Brasil, como a Igreja católica ou as seitas evangélicas. Na África, destacam-se os cultos animistas, para os quais todas as formas identificáveis da natureza possuem alma. Por isso, fala-se no espírito da água, no espírito das árvores etc. Na aldeia de Sosu, os pescadores reverenciam o espírito da laguna e acreditam que ele pode ajudá-los na pescaria. E em Gana e no Togo, por exemplo, as divindades supremas dos Ewé são Mawu-Lisa, os gêmeos feminino-masculino, lua-sol. Assim, o respeito à natureza passa a ser também um dever espiritual.

e. Perguntar aos alunos o que eles entendem quando se fala em família. Ela é composta apenas do pai, da mãe e dos filhos? Ou estão incluídos os primos, tios, sobrinhos e avós, como ocorre na África? Explicar que, na África, o chefe dessa família estendida é o homem mais velho. Debater o porquê disso. As crianças devem entender que os mais velhos adquirem uma experiência especial e devem ser respeitados pela contribuição que prestaram à sociedade e pelos conselhos que podem oferecer.

f. Se a classe se mostrar interessada, pode-se propor a construção de um tam-tam com materiais simples, a fim de sensibilizar as crianças para os instrumentos de percussão. Com esse objetivo, pega-se um pedaço de bambu ou de plástico (uma garrafa pet cortada). Em seguida, retiram-se os dedos de uma luva de borracha ou usa-se outro tipo de borracha (de balão de ar, por exemplo) para cobrir a superfície de cima do cilindro. Prende-se a borracha ao cilindro com fita adesiva, e está pronto o tam-tam, para tocar com as mãos ou com baquetas (lápis, por exemplo).

Depois, pode-se explicar que a palavra tam-tam é onomatopéica, ou seja, reproduz o som da batida no instrumento. Batucar um instrumento de percussão é, aliás, uma maneira de lembrar as onomatopéias. É, também, uma oportunidade para abordar as diferenças entre os instrumentos musicais: aconselha-se que, depois de falar sobre outros instrumentos de percussão, mostrem-se livros com imagens das demais famílias de instrumentos (de sopro e de cordas) para observar as cores, as formas e os estilos diferentes e, se possível, reproduzir o som de alguns deles.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

PARA O PROFESSOR

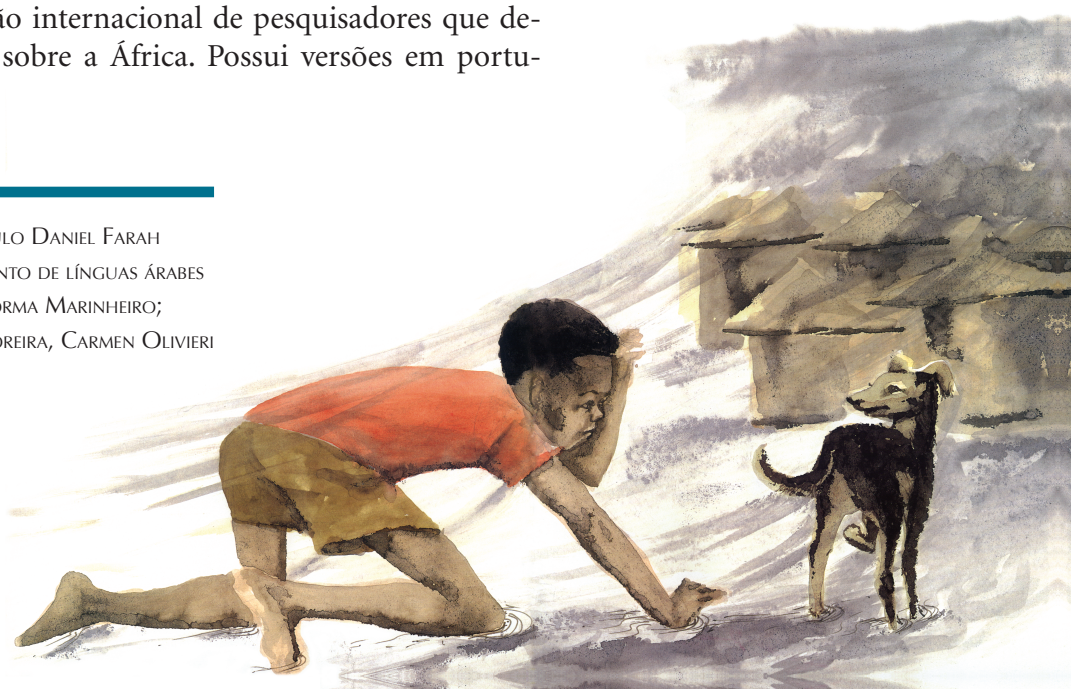
FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *A África ensinando a gente*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
Narra as experiências vividas por Paulo Freire na África e como elas mudaram a educação naquele continente. A obra apresenta ainda as contradições e as dificuldades encontradas por lá.

HAMPÂTÉ BÂ, A. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena, 2003.
O autor, um dos maiores escritores e pensadores da África no século XX, conta suas recordações de infância e juventude com grande riqueza de detalhes. A obra realça a diversidade africana.

HERNANDEZ, L.L. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
Fala sobre o domínio europeu na África e a resistência dos nativos até a formação dos Estados nacionais. Mostra a África como um entrelaçamento de diversas culturas e processos históricos, com identidades complexas e, por vezes, contraditórias.

SITES

www.panapress.com
Site com notícias sobre cultura, política e agricultura do continente africano. A agência de notícias Panapress, com sede em Dacar, no Senegal, foi criada por iniciativa da imprensa privada de vários países africanos. O *site* é atualizado diariamente e possui versões em português, inglês e francês.

http://hdl.handle.net/10071/11548
Site de uma associação internacional de pesquisadores que desenvolvem trabalhos sobre a África. Possui versões em português, inglês e francês.

ELABORAÇÃO DO GUIA PAULO DANIEL FARAH (PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ÁRABES DA USP); *PREPARAÇÃO* NORMA MARINHEIRO; *REVISÃO* CARLA MELLO MOREIRA, CARMEN OLIVIERI